

A ideia de superação no *Zaratustra* de Nietzsche

José Elielton Sousa*

Amanda Sobrinho Costa**

Resumo: As diversas metáforas que compõem *Assim falou Zaratustra* parecem indicar que a noção de superação em Nietzsche implica dois processos aparentemente distintos, um de natureza pessoal (autossuperação) e outro de natureza ética-existencial. O presente trabalho objetiva analisar se esses dois processos aparentemente distintos de superação são excludentes entre si ou se se constituem como vias complementares de um mesmo movimento de organização interior do indivíduo.

Palavras-Chave: Superação; Autossuperação; Superação Ético-Existencial.

The idea of overcoming in Nietzsche's *Zarathustra*

Abstract: The various metaphors that compose *Thus Spoke Zarathustra* seem to indicate that the notion of overcoming in Nietzsche implies two apparently distinct processes, one of an internal nature (self-overcoming) and the other of an ethical-existential nature. The present work aims to analyze whether these two apparently distinct processes of overcoming are mutually exclusive or whether they constitute complementary paths of the same movement of the individual's inner organization.

Keyword: Overcoming; Self-overcoming; Ethical-Existential Overcoming.

Introdução

A ideia de superação (*Überwindung*) ocupa um amplo espaço na filosofia nietzschiana, chegando a se constituir como um de seus temas principais, especialmente no período tardio. Ela surge pela primeira vez no fragmento póstumo 5[23] de setembro de 1870: “A superação da ‘Ilustração’ e seus principais poetas. Alemanha como uma Grécia em retrocesso: chegamos ao período das guerras persas”. Contudo, embora apareça em vários momentos, com roupagens e intenções diferentes, ao longo da obra nietzschiana, ela passa quase despercebida ou não mereceu a devida atenção por parte da grande maioria dos intérpretes nietzschianos.

* Professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Contato: jose_elielton@yahoo.com.br

** Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Contato: amandalizard624@gmail.com

Com a publicação de *Assim falou Zaratustra*, a ideia de superação adquire seus contornos definitivos, passando a se constituir como uma das temáticas centrais da filosofia nietzschiana a partir de então. Especificamente sobre a ideia de superação no *Zaratustra*, José Nicolao Julião observa que a ideia de superação se constitui como o tema nuclear abordado por Nietzsche nessa obra: “o conceito de superação [...] é o *leitmotiv* da obra, pois expressa a dinâmica essencial que impulsiona: por um lado, a sua “ação dramática” do “tornar-se o que se é” [...]; por outro lado, de maneira igualmente especial, na elaboração e articulação dos seus conceitos mais fundamentais”.¹

Assim falou Zaratustra narra as andanças e os ensinamentos da personagem-título da obra, seu processo de autossuperação na solidão de uma caverna e de retorno ao convívio humano. Dado seu caráter fabular e narrativo, as diversas metáforas que compõem *Assim falou Zaratustra* parecem indicar que a noção de superação em Nietzsche implica dois processos distintos, um de natureza pessoal – autossuperação: “Vê disse, ‘*eu sou aquilo que sempre deve superar a si mesmo*’;² e outro de natureza ética-existencial: “*Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado*”.³

Embora pouco tematizada, a análise da ideia de superação não é uma novidade entre os estudiosos da filosofia nietzschiana. Para Julião, por exemplo, a ideia de superação tem um duplo significado: por uma lado, ela aparece numa conotação mais histórica, filogenética, e implica uma crítica ou uma oposição à grande tradição do pensamento ocidental, e, por outro lado, aparece no sentido de uma transposição de obstáculos, num processo performático-pedagógico na formação do caráter do indivíduo.⁴ Nessa mesma direção, Jorge Larrossa assinala que a ideia de superação não seria somente uma teoria subjetiva da criação, mas uma visão do acontecimento, isto é, daquilo que faz com que o tempo de uma vida singular, como o tempo histórico de uma coletividade seja ao mesmo tempo contínuo e descontínuo”.⁵

Nesse sentido, o que o presente trabalho objetiva analisar é se esses dois processos aparentemente distintos de superação são excludentes entre si ou se se constituem como vias complementares de um mesmo movimento de organização interior do indivíduo.

¹ JULIÃO, J. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, p. 16

² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra* (Doravante ZA), *Da superação de si mesmo*, §1.

³ ZA, “Prólogo”, §3.

⁴ JULIÃO, J. Op. Cit., p. 17.

⁵ LARROSA, J. *Nietzsche e a Educação*, p. 10.

A ideia de superação na filosofia nietzschiana

Em sentido amplo, a palavra *Überwindung* (superação) em alemão pode ser compreendida como “algo a ser superado”, “algo para ser superado”, “resolução”, “saída”, “supressão de algo ou alguma coisa” ou ainda “ultrapassamento”, “elevação”. Sobre as diferentes ocorrências desse termo no contexto global do pensamento de Nietzsche, Julião afirma que a noção de superação “ocorre cerca de 280 vezes em suas diferentes formas como autossuperação (*Selbstüberwindung*) e superar (*Überwinden*), e, muito mais, se somado o amplo campo lexical de superação como, por ex., *Aufhebung* e *Selbstaufhebung*”.⁶

Nos escritos do jovem Nietzsche⁷, por exemplo, a ideia de superação aparece relacionada às reflexões nietzschianas acerca do trágico e da tragédia grega. Em *O nascimento da tragédia*, Apolo e Dionísio são tidos como princípios ontológicos, como a relação de forças que constituem o ser humano, o primeiro representando a individualidade e o segundo representando uma espécie de ruptura das fronteiras individuais dos entes. Em um outro registro de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche aborda novamente a questão da superação, mas agora numa perspectiva relacionada não mais a indivíduos particulares, mas a povos inteiros, já denotando a complexidade que esse tema iria adquirir em seus escritos.

Para sair do orgiasmo não há, para um povo, senão um caminho, o caminho do budismo indiano, o qual, para ser suportável em seu anseio do nada, necessita daqueles raros estados extáticos, com sua elevação acima do espaço, do tempo e do indivíduo, assim como estes, por seu turno, exigem uma filosofia que ensine a superar, através de uma representação, o indescritível prazer dos estados intermediários.⁸

No segundo período da filosofia nietzschiana, o tema da superação ressurge com a necessidade de superar “as coisas que não eram terrenas”, um debate entre superação e conservação. Em *Humano, demasiado humano*, por exemplo, Nietzsche interpreta como a necessidade metafísica nasce de uma tentativa da fuga da realidade, da dor e do sofrimento que marcam a vida humana.

⁶ JULIÃO, J. Op. Cit., p. 16.

⁷ Sobre as diversas fases em que os comentadores normalmente dividem a filosofia nietzschiana, ver MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, pp. 25-39.

⁸ NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia* (doravante NT), §21.

Um grau certamente elevado de educação é atingido, quando o homem vai além de conceitos e temores supersticiosos e religiosos, deixando de acreditar em amáveis anjinhos e no pecado original, por exemplo, ou não mais se referindo à salvação das almas: neste grau de libertação ele deve ainda, com um supremo esforço de reflexão, superar a metafísica.⁹

Na *Gaia Ciência* as menções à ideia de superação adquirem contornos mais definitivos, aparecendo relacionada ao projeto mais geral de superação da cultura e do próprio europeu de então.

Eu saúdo todos os sinais de que se aproxima uma época mais viril, guerreira, que voltará a honrar acima de tudo a valentia! Ela deve abrir caminho para uma época ainda superior e juntar as forças de que esta precisará – época que levará heroísmo para o conhecimento e travará guerras em nome dos pensamentos e das consequências deles. Para isto são agora necessários muitos homens preparatórios valentes, que certamente não podem surgir do nada – muito menos da areia e do lodo da atual civilização e educação cidadina; homens que, silenciosos, solitários, resolutos, saibam estar satisfeitos e ser constantes na atividade invisível; homens interiormente inclinados a buscar, em todas as coisas, o que nelas deve ser *superado*.¹⁰

Contudo, é no período tardio da filosofia nietzschiana, a partir da publicação de *Assim falou Zaratustra*, que a ideia de superação ganha os contornos definitivos de um projeto de “transvaloração de todos os valores”. Além das várias referências diretas a essa ideia de superação nas obras publicadas nesse período, é através do anúncio do “super-homem”¹¹, o *Übermensch* nietzschiano¹², no *Prólogo* de *Assim falou Zaratustra*, que encontramos delineado todo um projeto de superação, tanto pessoal (autossuperação) quanto ético-existencial, com o qual Nietzsche se ocuparia nesses escritos.: “*Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-*

⁹ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano* (doravante HH), §20.

¹⁰ *A gaia ciência* (doravante GC), §283.

¹¹ O conceito de “super-homem”, fundamental para a compreensão do conjunto da obra nietzschiana, com exceção do aforismo 143 de *A gaia ciência*, em que faz uma aparição fugaz, aparece somente em *Assim falou Zaratustra* (1885). Como aponta Julião, é no *Zaratustra*, especialmente dos parágrafos 03 até o 07 do *Prólogo*, que Nietzsche desenvolve o seu mais amplo discurso acerca do super-homem em toda a sua obra, “todavia, devida à forma profética como é anunciado, seu significado não se torna claro (JULIÃO, J. Op. Cit., p. 83).

¹² Walter Kaufmann observa que Nietzsche não foi o primeiro a usar o termo *Übermensch*, ele remonta à antiguidade clássica, especialmente aos escritos de Luciano, retórico e filósofo, que se tornou conhecido pelos seus diálogos satíricos e histórias fantásticas, além de ter sido usado também por Heinrich Müller (*Geistliche Erquickungsstunden*, 1664), por J. G. Herder, por Jean Paul e por Goethe, num poema (*Zueignung*) e no Fausto (parte I, linha 490), onde um espírito zomba de um assustado Fausto que o tinha evocado e o chama de *Übermensch*. No entanto, Kaufmann chama a atenção para o fato de que o sentido que Nietzsche mais tarde deu a esse termo é inteiramente distinto dos predecessores acima citados (Cf. KAUFMANN, W. *Nietzsche, Philosopher, Psychology, Antichrist*, pp. 307-308).

lo?”.¹³ O ensinamento do super-humano impõe como necessidade uma ideia geral de superação do ser humano – “O homem é algo que deve ser superado” – e como condição para isso o envolvimento particular de cada indivíduo nesse processo, ao direcionar a cada um daqueles que ouviram o “anúncio” do super-homem a pergunta acerca do que estão fazendo para que este processo seja alcançado – “Que fizestes para superá-lo?”.

Quanto ao primeiro aspecto do ensinamento do super-humano, a necessidade de superação do ser humano europeu, especialmente em sua versão moderna, Nietzsche o identifica, por um lado, com a necessidade de superação da metafísica, e por outro, com a crítica ao princípio de conservação, especialmente nas versões ligadas à teleologia e ao mecanicismo. Para Nietzsche, a crença fundamental dos metafísicos é “*a crença nas oposições de valores*”,¹⁴ uma crença que desde Sócrates e Platão, passando pelo cristianismo e o racionalismo, valoriza o mundo suprassensível em detrimento do mundo sensível.

A figura central desse processo de instauração da interpretação metafísica da realidade é Platão e o platonismo, ao qual Nietzsche atribui o pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje: “a invenção platônica do puro espírito e do bem em si”.¹⁵ Segundo Nietzsche, como discípulo de Sócrates, Platão absorve toda confiança daquele na onipotência da razão: “o pior, mais persistente e perigoso dos erros até hoje foi um erro de dogmático: a invenção platônica do puro espírito e do bem em si” que desaguará na instauração de tantas outras filosofias presentes na moderna consciência filosófica. O filósofo percebe que a partir do legado socrático-platônico, a filosofia assume como tarefa a busca pela verdade fundada no suprassensível, a separação entre aparência e erro, entre fenômeno e coisa-em-si. Nesse sentido, afirma Oswaldo Giacóia Júnior, “fica, portanto, perfeitamente claro, que Nietzsche imputa a Platão a ‘patranha superior’, a farsa do idealismo, essa denegação da cruza bruta da existência que leva a procurar refúgio no ideal, no ‘verdadeiro mundo’”.¹⁶

Se a crítica nietzschiana à metafísica se desenvolve, em boa parte, a partir do confronto com platonismo e, em particular, com a doutrina das ideias, Nietzsche vê o cristianismo¹⁷ como consequência do platonismo, pois ele considera o cristianismo como

¹³ ZA, “Prólogo”, §3.

¹⁴ *Além do bem e do mal*, (doravante BM), §2.

¹⁵ BM, “Prólogo”.

¹⁶ GIACÓIA JÚNIOR, O. *O Platão de Nietzsche, o Nietzsche de Platão*, pp. 24-25.

¹⁷ Dada a extensão dessa crítica, seguindo a indicação de João Marcos Tomás de Cruz Miranda, podemos agrupá-la em 5 tópicos, a saber: o cristianismo como religião decadente, o cristianismo como uma invenção

“platonismo para o ‘povo’” (BM, *Prólogo*). Segundo Nietzsche, o cristianismo se baseia na mesma oposição platônica entre “mundo sensível” e “mundo inteligível” e a busca da verdade surge como uma entidade metafísica cujo acesso depende de um determinado modo de vida, guiado pela razão, que busque a vida eterna após a morte.

O cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em “outra” ou “melhor” vida. O ódio ao “mundo”, a maldição dos afetos, o medo à beleza e à sensualidade, um lado-de-cá, no fundo um anseio pelo nada, pelo fim, pelo repouso, para chegar ao “sabá dos sabás” – tudo isso, não menos do que a vontade incondicional do cristianismo de deixar valer *somente* valores morais, se me afigurou sempre como a mais perigosa e sinistra de todas as formas possíveis de uma “vontade de declínio”, pelo menos um sinal da mais profunda doença, cansaço, desânimo, exaustão, empobrecimento da vida – pois perante a moral (especialmente a cristã, quer dizer incondicional), a vida *tem* que carecer de razão de maneira constante e inevitável, porque é algo essencialmente amoral – a vida, oprimida sob o peso do desdém e do eterno não, tem que ser sentida afinal como indigna de ser desejada, como não válida em si.¹⁸

É que para Nietzsche, a negação da vida feita pelo cristianismo se baseia numa superestimação de um mundo metafísico-imaginário, criado como antítese do mundo real.

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada senão *causas imaginárias* (“Deus”, “alma”, “Eu”, “espírito”, “livre-arbítrio” – ou também “cativo”); nada senão *efeitos imaginários* (“pecado”, “salvação”, “graça”, castigo”, “perdão dos pecados”). Um comércio entre *seres imaginários* (“Deus”, “espíritos”, “almas”); uma ciência *natural* imaginária (antropocêntrica; total ausência de conceito de causas naturais), uma *psicologia* imaginária (apenas mal-entendidos sobre si, interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou desagradáveis – dos estados de *nervus sympathicus*, por exemplo – com ajuda da linguagem de sinais da idiossincrasia moral-religiosa – “arrepentimento”, “remorso”, “tentação do Demônio”, “presença de Deus”); uma *teleologia* imaginária (“o reino de Deus”, “o Juízo Final”, “a vida eterna”).¹⁹

Como combatente da metafísica, Nietzsche expressa, portanto, uma profunda aversão ao cristianismo. Para o filósofo, não existe outro mundo senão o nosso, o mundo terreno – este outro mundo imutável, intemporal, criado pelo cristianismo, não passaria de uma mera invenção: inventaram a noção de “além”, “mundo verdadeiro”, para desvalorizar o único mundo que existe, a verdadeira realidade terrena.²⁰

de Paulo, o cristianismo como religião ascética, o cristianismo como religião de rebanho e o cristianismo como engano psicológico (Cf. MIRANDA, *O significado da morte de Deus na filosofia de Friedrich Nietzsche*, pp. 29-57).

¹⁸ NT, “Tentativa de autocrítica”, §5.

¹⁹ *O anticristo* (doravante AC), §15.

²⁰ AC, §9.

Quanto à crítica ao princípio de conservação²¹, Nietzsche acusa a cultura ocidental de ter se constituído com base nesse princípio como finalidade, cujo objetivo seria “conservar uma *comunidade*, um povo”.²² Nietzsche vê no princípio de conservação uma espécie de redução da potencialidade da vida, cujo impulso cardinal da existência é a expansão de seu poder: “Querer preservar a si mesmo é a expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à *expansão do poder* e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação”.²³

É que para Nietzsche, “quando viver e conhecer pareciam entrar em contradição, nunca houve sérias lutas; a negação e a dúvida eram consideradas loucuras”.²⁴ A consciência, por exemplo, não é um núcleo onde repousa o saber absoluto, que assim desempenharia a função de regularizadora da vida do ser humano, ela representa um instinto de autoconservação, que não produz novos conhecimentos e não abre espaços para dúvidas: “Durante enormes intervalos de tempo, o intelecto nada produziu senão erros; alguns deles se revelaram úteis e ajudaram a conservar a espécie: quem com eles deparou, ou os recebeu como herança, foi mais feliz na luta por si e sua prole”.²⁵

Nesse sentido, o ordenamento permanente do mundo que nos ajuda a compreender a vida é uma aliança entre as forças que nos constituem e aquilo que vem de fora, pois a própria vida é vontade de poder.

Os fisiólogos deveriam refletir, antes de estabelecer o impulso de autoconservação como o impulso cardinal de um ser orgânico. Uma criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força – a própria vida é vontade de poder – a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes *consequências* disso.²⁶

Além da teleologia, a crítica ao princípio de conservação abarca também o mecanicismo, na medida em que este também advoga a ideia de uma finalidade na natureza: “Guardemo-nos de crer também que o universo é uma máquina; certamente não foi construído com um objetivo, e usando a palavra ‘máquina’ lhe conferimos demasiada honra”.²⁷ Para Nietzsche, o atomismo materialista é uma das coisas mais contraditórias

²¹ Para uma análise da crítica nietzschiana ao princípio de conservação, ver JULIÃO, J. Op. Cit.

²² HH, §96.

²³ GC, §349.

²⁴ GC, §110.

²⁵ Ibidem.

²⁶ BM, §13.

²⁷ GC, §109.

que existem: “A *causa sui* [causa de si mesmo] é a maior autocontradição até agora imaginada, uma espécie de violentação e desnatureza lógica: mas o extravagante orgulho do homem se enredar, de maneira mais profunda e terrível, precisamente nesse absurdo”.²⁸

Nietzsche critica o conceito de causa, se colocando em desacordo frente a qualquer interpretação que tome o ser humano e sua vontade como não-sujeitos de seu agir, como seres que, imersos no determinismo de uma causalidade – natural ou divina – seriam “agidos”, e não autores de suas próprias vivências.²⁹

Nesse sentido, o mecanicismo seria uma espécie de semiótica das consequências e todas suas preposições – matéria, átomo, peso, pressão e choque – não são fatos em si, mas sim interpretações com ajuda de interpretações psíquicas: “a mecânica só nos mostra consequências, e ainda por cima em imagens (movimento é um discurso de imagens). A própria gravitação não tem causa mecânica alguma, pois ela é, primeiro, razão para consequências mecânicas”.³⁰ O mundo mecanicista é, portanto, “imaginado tal como o olho e o tato apenas imaginam um mundo (como ‘movido’) [...] de tal modo que unidades causais surgem de maneira fictícia, ‘coisas’ (átomos), cujo efeito permanece constante (– transfiguração do conceito falso de sujeito para o conceito de átomo)”.³¹

Quanto ao segundo aspecto do ensinamento do super-homem acima mencionado, a ideia de superação como autossuperação, esta aparece em vários momentos do *Zaratustra* não somente em tom de recomendação, mas inclusive como uma espécie de lei necessária: “Assim exige meu grande amor aos mais distantes: *não poupes teu próximo!* O homem é algo que tem que ser superado”.³² Nietzsche chega inclusive a dar o sugestivo título de “Da superação de si mesmo” a um dos “discursos” de Zaratustra, anteriormente citado, no qual ele anuncia o segredo que a vida revelara a Zaratustra: “‘Vê’, disse, ‘eu sou aquilo *que sempre tem de superar a si mesmo*’”.³³

Nesse sentido, *Assim falou Zaratustra* se constitui, portanto, como lugar privilegiado para análise da ideia de superação em Nietzsche, na medida em que nessa obra tal processo de superação constitui a dinâmica que impulsiona tanto a ação dramática da personagem-título quanto a elaboração dos principais conceitos ali abordados.

²⁸ BM, §21.

²⁹ Fragmento póstumo (doravante FP) 1888, 14[79].

³⁰ FP 1888, 14[81].

³¹ FP 1888, 14[79].

³² ZA, “De velhas e novas tábuas”, §3.

³³ ZA, “Da superação de si mesmo”.

Superação como autossuperação no *Zaratustra* de Nietzsche

Dada o caráter fabular e a riqueza metafórica de *Assim falou Zaratustra*, uma das chaves de leitura possíveis acerca da ideia de superação ali descrita é compreendê-la como um processo de autossuperação. E um dos caminhos disponíveis para isso é associar tal processo de autossuperação à própria ação dramática da personagem descrito no prólogo³⁴: “Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas. Ali gozou de seu espírito e da sua solidão, e durante dez anos não se cansou. Mas enfim seu coração mudou”.³⁵

É que na primeira parte do prólogo, a cena descreve o “retiro” de Zaratustra para a montanha e as transformações que ele sofreu durante esse processo de exílio solitário, em busca de superar-se. Mudado, tornado criança, como perceberia o velho santo na floresta, Zaratustra quer doar e distribuir sua sabedoria. A imagem do sol torna-se uma autodescrição de Zaratustra, que pela autossuperação torna-se alguém iluminado e que deseja iluminar.

Há dez anos vens até minha caverna: já te terias saciado de tua luz e dessa jornada, sem mim, minha águia e minha serpente. Mas nós sempre te esperamos a cada manhã, tomamos de ti teu excesso e por ele te abençoamos. Olha! Estou farto de minha sabedoria, como a abelha que juntou demasiado mel; necessito de mãos que se estendam. Quero doar e distribuir, até que os sábios entre os homens voltem a se alegrar de sua tolice e os pobres, de sua riqueza.³⁶

O processo pelo qual Zaratustra acabara de passar o transformou profundamente. Zaratustra parece alguém que se encontra em um novo estado, alguém que acumulou sabedoria em excesso e deseja prodigalizar essa sabedoria com os outros seres humanos – “Olha! Esta taça quer novamente se esvaziar”.³⁷ Como observa Julião, “isso revela que Zaratustra foi transformado por algum processo que o levou a superar seus estados de vida passados e, por isso, encontra-se agora pleno e superabundante. Zaratustra parece ser alguém que se autossuperou”.³⁸

³⁴ Para uma análise detalhada do *Prólogo* de *Assim falou Zaratustra*, ver HEBER-SUFFRIM, P. O *“Zaratustra” de Nietzsche*.

³⁵ ZA, “Prólogo”, §1.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ JULIÃO, J. Op. Cit., p. 77.

Contudo, Nietzsche deixa claro que a autossuperação de Zaratustra ainda não está completa, pois ninguém pode superar-se plenamente exilado do convívio com os outros seres humanos. Daí porque “Zaratustra quer novamente se fazer homem – E assim começou o declínio de Zaratustra”.³⁹ Como, então, entender que aquele que ensina o super-homem entrou em declínio ao voltar a querer ser humano novamente? A autossuperação implica necessariamente uma dimensão existencial? Ou elas seriam etapas de um movimento mais amplo de organização interior de cada indivíduo? A autossuperação demanda uma nova forma de querer e valorar, incompatíveis com as formas de vida moderna? Daí o declínio de Zaratustra ao querer “novamente se fazer homem”?

Antes de mais nada, a narrativa do declínio de Zaratustra começa com a constatação de um estado de coisas: a “morte de Deus”⁴⁰, ou seja, a percepção de que a influência da crença em valores metafísicos e num mundo transcendental é cada vez menor, restringindo-se a alguns poucos indivíduos, como o velho santo que Zaratustra encontrara na floresta – “Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não sabe que *Deus está morto!*”⁴¹

É a constatação da “morte de Deus” que leva Zaratustra a anunciar, num tom profético próprio à apresentação de uma “doutrina”, o “super-homem” (*Übermensch*): “*Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?*”⁴² Recorrendo mais uma vez a Julião, nessa passagem, fica explícita a importância que desempenha o ensinamento da superação na ação dramática do Zaratustra e também na elaboração do próprio conceito de super-homem: “Ao anunciar a necessidade da superação do homem através do super-homem, Zaratustra revela o próprio super-homem, por definição, como sendo superação”.⁴³

Nesse sentido, o super-homem é o próprio sentido da terra, portanto, uma superação tanto da metafísica e seus correlatos quanto do próprio ser humano moderno, na medida em que ele afigura-se como quem superou a perspectiva metafísica possuindo outro modo constitutivo de ser e compreender-se:

³⁹ ZA, “Prólogo”, §1.

⁴⁰ Para uma análise do conceito de “morte de deus” em Nietzsche, ver YOUNG, J. *The death of God and the meaning of live*.

⁴¹ ZA, “Prólogo”, §2.

⁴² ZA, “Prólogo”, §3.

⁴³ JULIÃO, J. Op. Cit., p. 85.

Eu vos imploro, irmãos, *permaneeci fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. [...] Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra!⁴⁴

Como afirma Rafael Haddock Lobo, permanecer fiel à terra significa a assunção de nossa própria humanidade, de nossa condição humana, demasiada humana, que configura a superação de nossa humanidade.⁴⁵ Este é o sentido da terra, um retorno à concretude da vida, à facticidade da existência humana, arcando com os riscos da contingência e do devir, próprios de quem compreende-se desde a tensão da vontade de poder.

Se a “morte de Deus” é condição para o super-homem, ela também pode levar ao “último homem”, aquele que vê tudo como desprezível, como pequeno. “Vede! Eu vos mostro o *último homem*. ‘Que é amor? Que é criação? Que é anseio? Que é estrela?’ – assim pergunta o último homem, e pisca o olho”.⁴⁶ Acostumado com a solidão da montanha, diante da multidão na praça, Zaratustra experimenta seu primeiro fracasso: eles não querem compreendê-lo, Zaratustra não é a boca para aqueles ouvidos. “Quero ensinar aos homens o sentido do seu ser: o qual é o super-homem [...]. Mas ainda me acho longe deles, e o meu sentido não fala aos seus sentidos”.⁴⁷

De volta à solidão da floresta, depois de fracassar ao anunciar ao povo o “super-homem”, Zaratustra “viu uma nova verdade”: “Companheiros é o que busca o criador, não cadáveres, e tampouco rebanhos e crentes. Aqueles que criam juntamente com ele buscam o criador, que escrevam novos valores em novas tábuas”.⁴⁸ Com essa nova verdade revelada, Zaratustra aprende uma importante lição: a autossuperação é um processo para poucos, para criadores: “Quero juntar-me aos que criam, que colhem, que festejam: eu lhes mostrarei o arco-íris e todos os degraus até o super-homem”.⁴⁹ Ela implica, portanto, uma nova forma de vida, uma nova forma de querer e valorar que apenas aqueles com uma constituição volitiva forte, duradoura e independente, são capazes. As cenas dos discursos seguintes descrevem Zaratustra ensinando “o caminho

⁴⁴ ZA, “Prólogo”, §3.

⁴⁵ HADDOCK-LOBO, R. *Sentido da Terra, vida e arte: perspectivas de um radicalismo estético em Nietzsche*, p. 273.

⁴⁶ ZA, “Prólogo”, §5.

⁴⁷ ZA, “Prólogo”, §7.

⁴⁸ ZA, “Prólogo”, §9.

⁴⁹ *Ibidem*.

do criador”, através “das três metamorfoses” do espírito, e, com isso, começa novamente seu declínio!

Aliás, o discurso das três metamorfoses é uma outra chave interpretativa para a ideia de superação como autossuperação em *Assim falou Zaratustra*, pois mostra as transformações internas que o indivíduo precisa passar para superar-se a si mesmo, para superar o peso dos valores civilizatórios, as marcas que os mesmos deixam em cada indivíduo particular. Eis nas palavras da personagem Zaratustra em que consiste tal processo: “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança”.⁵⁰ Como observa Eugen Fink, este discurso indica um tema fundamental: “a modificação do ser humano pela morte de Deus, isto é, a transformação da sua alienação na liberdade criadora que se sabe autônoma”.⁵¹

Esse discurso das três metamorfoses é outro recurso metafórico usado por Nietzsche para descrever o mesmo processo de autossuperação pelo qual passara Zaratustra no prólogo. Inicialmente o espírito é um camelo, um animal de carga, e, enquanto tal, carrega tudo o que há de mais pesado: valores, crenças, verdades, etc.: “Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado. O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado”.⁵² Preso a um mundo de valores milenares, submete-se docilmente ao mandamento do “Tu deves” e assim todas as coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: “semelhante ao camelo que rumo carregado para o deserto, assim rumo ele para o seu deserto”.

Tal como Zaratustra no seu exílio solitário na montanha, é na extrema solidão do deserto que ocorre a segunda metamorfose: “o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto”. No solitário deserto, o espírito quer vencer o “grande dragão”, os valores milenares “Não-farás” e “Tu deves” que estão no seu caminho e para os quais o camelo teria pressa em se ajoelhar. É que o leão representa o espírito de conquista da própria liberdade, da possibilidade de dizer “eu quero”: “[...] criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão. Criar liberdade para si e um sagrado Não também ante o dever: para isso, meus irmãos, é necessário o leão”.

⁵⁰ ZA, “Das três metamorfoses”, §1.

⁵¹ FINK, E. *A filosofia de Nietzsche*, p. 76.

⁵² ZA, “Das três metamorfoses”, §1.

Contudo, a liberdade do leão é uma liberdade negativa, ela não cria novos valores. Daí porque Zaratustra interroga: “mas disse-me, irmãos, que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapace ainda tem de se tornar criança?”. É que a transformação da vontade reativa do leão em vontade criadora de novos valores só a criança é capaz de realizar – eis a última metamorfose: o leão torna-se criança.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito que agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo.⁵³

Segundo Eugen Fink, Nietzsche invoca na metáfora do *jogo* a natureza original e verdadeira da liberdade como criação de novos valores e de mundos de valores: “O jogo é a natureza da liberdade positiva. Com a morte de Deus, torna-se manifesto o caráter lúdico e arriscado inerente à existência humana. O espírito criador do homem reside no jogo”.⁵⁴ Para Jorge Larrosa, por sua vez, a criança que faz parte desse discurso dá lugar à abertura da liberdade, e, portanto, à transformação do sujeito da liberdade: “A criança que faz parte desse discurso, representação da criança *Aión* do fragmento de Heráclito, aparece como o ponto em que o sujeito lança-se além de si para algo novo aparecer”.⁵⁵

Como aponta Jorge Larrosa, essa construção pessoal indica que é necessário esse mergulho em si: “Chegar a ser o que és! Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades”.⁵⁶ O que o comentador está apontando é o fato de que a ideia de autossuperação pode ser associada a outro processo de superação de si mesmo, encontrado na filosofia nietzschiana, que é o “tornar-se o que se é”: “Pois *tal* sou eu, no fundo e desde o início, a puxar, atrair, erguer, elevar, um puxador, preceptor e tratador, que um dia, não em vão, instou a si mesmo: ‘Torna-te o que és!’”.⁵⁷

Superação como um processo ético-existencial no *Zaratustra* de Nietzsche

Quanto à ideia de superação como um projeto ético-existencial, esta adquire contornos mais delineados a partir da publicação de *Gaia Ciência*, aparecendo no já

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ FINK, E. Op. Cit., p. 77.

⁵⁵ LARROSA, J. Op. Cit., p. 09.

⁵⁶ Ibidem, p. 39.

⁵⁷ ZA, “A oferenda do mel”.

citado §283 relacionada a um projeto mais geral de superação da cultura europeia. Entretanto, é no também já mencionado parágrafo 3 do prólogo de *Assim falou Zaratustra* que essa ideia adquire sua forma definitiva:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para superá-lo? Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem? Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha.

A própria metáfora do ser humano como passagem, como uma ponte estendida entre o animal e o super-homem, reforça essa ideia de um projeto ético-existencial: “O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo. [...] Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado no homem, é ser uma *passagem* e um *declínio*”.⁵⁸ É que, se por um lado, o “exílio” de Zaratustra representa um processo de autossuperação, por outro lado, o próprio Zaratustra revela uma necessidade “doar” sua sabedoria aos demais – as transformações pelas quais Zaratustra passou não são apenas internas, exigem dele certa vivência e partilha que consolidarão tais transformações, integrando um movimento mais amplo de organização interior.

Sobre esse segundo aspecto, Julião levanta uma questão interessante: se, por um lado Zaratustra parece ser alguém que se autossuperou, por outro, fica ainda a questão de se saber por que ele quer retornar para junto dos homens, a causa de sua antiga desilusão? Respondendo à questão levantada, ele comenta que é porque, como ele [Nietzsche] revela em analogia com o sol, cuja luz só tem sentido se tiver algo ou alguém para iluminar, “Zaratustra precisa daqueles para quem possa ensinar a sua sabedoria. E, dessa forma, parece-nos que algo importante é revelado, a saber: que a sabedoria acumulada pode ser ensinada”.⁵⁹

Contudo, Zaratustra logo percebe que esse processo “pedagógico” é bastante exigente, pois a autossuperação é um processo para poucos, conforme lhe foi revelado ao regressar à solidão da floresta novamente, depois de fracassar ao anunciar ao povo o “super-homem” no anteriormente citado §9 do prólogo. Com essa nova “revelação”, fica

⁵⁸ ZA, Prólogo, §4.

⁵⁹ JULIÃO, J. Op. Cit., p. 77.

claro para Zaratustra qual sua tarefa mais importante, qual seja, anunciar o super-homem e assegurar a transvaloração de todos os valores implicados nesse anúncio.

Nesse sentido, a autossuperação de Zaratustra envolve uma espécie de complemento ético-existencial, na medida em que ele “necessita” de companheiros de jornada, capazes de criar novas tábuas de valores. Zaratustra necessita compartilhar sua sabedoria e, para isso, não quer “seguidores”, mas companheiros de caminhada, capazes de criarem a si mesmos, de se autossuperarem. E ele sabe que essa não é uma tarefa fácil, sabe que: “quem tem de ser um criador sempre destrói”.⁶⁰

Assim, a ideia de superação como um projeto ético-existencial está associada ao projeto nietzschiano mais amplo de “transvaloração de todos os valores”, o qual tem como pano de fundo a superação da metafísica e do próprio ser humano moderno e seus valores decadentes, cuja expressão mais evidente é a exortação de Zaratustra para que seus ouvintes “permaneçam fiéis à terra”. Conforme aponta Luis Rubira⁶¹, a expressão “transvaloração de todos os valores” aparece pela primeira vez nos escritos de Nietzsche em *Além do bem e do mal*, onde o filósofo atribui a tarefa de transvalorar aos filósofos do futuro. Essa expressão está associada tanto ao nome de um projeto de uma obra a ser escrita em quatro livros⁶² quanto a um movimento de superação ético-existencial dos valores e da cultura moderna dominante, tal como defendido nas obras acima mencionadas.

Em *Assim falou Zaratustra*, esse projeto aparece em diversas passagens, associado à figura do super-homem, um conceito que, associado ao conceito de eterno retorno⁶³, unifica os diversos sentidos de superação que aparecem em Nietzsche no período tardio de sua filosofia. Com a “morte de Deus” e o anúncio do super-homem, depois de reivindicar que permaneceremos “fiéis à terra”, Zaratustra aponta para o caráter temporal e finito da condição humana, para a precariedade e as benesses dessa condição

⁶⁰ ZA, “Das mil metas e uma só meta”, §1.

⁶¹ RUBIRA, L. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*.

⁶² Os quatro livros são *O Anticristo* (o único a ser publicado pelo filósofo), *Crepúsculo do Ídolos*, *Ecce Homo* (estes dois, embora não fizessem parte do projeto pretendido, foram compostos por partes inicialmente destinadas a “Transvaloração de todos os valores”), e *Dionísio – filosofia do eterno retorno* (este último não concluído). Sobre esse projeto e suas discussões entre os intérpretes de Nietzsche acerca do lugar e da importância do mesmo no interior da filosofia nietzschiana, ver JULIÃO, Op. Cit. e RUBIRA, Op. Cit.

⁶³ Para uma análise do conceito de eterno retorno no *Zaratustra* de Nietzsche, ver BRUSOTTI, M. O eterno retorno do mesmo em *Assim falou Zaratustra*.

humana finita, explicitada na metáfora do ser humano como passagem, como uma ponte, anteriormente mencionada:

Grande, no homem, é ser ponte, e não um objetivo: o que se pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*. Amo aqueles que não sabem viver senão com quem declina, pois são os que passam. Amo aqueles que não sabem viver a não ser como quem declina, pois são os que passam. [...] Amo aquele que trabalha e inventa, para construir a casa para o super-homem e lhe preparar terra, bicho e planta: pois assim quer o seu declínio.⁶⁴

Nesse sentido, a tarefa de transvaloração de todos os valores implica questionar o próprio valor dos valores, como Nietzsche viria a fazer em sua *Genealogia da moral*:

Necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isso será necessário o conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram [...], um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. Tomava-se o *valor* desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o *homem* (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que *às expensas do futuro*?⁶⁵

É que Zaratustra, nas perambulações entre os povos, descobriu que cada povo tem sua própria tábua de valores, pois nenhum povo poderia viver sem avaliar:

Uma tábua de valores se acha suspensa sobre cada povo. Olha, é a tábua de suas superações; olha, é a voz de sua vontade de poder. Louvável é o que ele julga difícil; o que é indispensável e difícil considera bom, e o que liberta da necessidade suprema, o raro, difícilíssimo – ele exalta como sagrado.⁶⁶

Apesar de não fornecer maiores informações sobre esse processo de investigação histórica da moral, é com base na distinção entre uma moral de senhores e uma moral de escravos, feita posteriormente no §260 de *Além do bem e do mal*, que Nietzsche passa a considerar os motivos que levam os diversos povos a utilizarem diferentemente os conceitos/juízos de valor “bom e mau” e “bom e ruim”, isto é, os conceitos morais

⁶⁴ ZA, “Prólogo”, §4.

⁶⁵ *Genealogia da moral* (doravante GM), Prólogo, §6.

⁶⁶ ZA, “Das mil metas e uma só meta”.

básicos, construindo, assim, uma efetiva *história da moral*.⁶⁷ Dessa perspectiva de uma história *natural* da moral, os valores são humanos, demasiados humanos, pois o ser humano foi o primeiro a criar sentido para as coisas, um sentido humano.

Estimar é criar: escutai isso, ó criadores! O próprio estimar é, de todas as coisas estimadas, o tesouro e a joia. Apenas através do estimar existe valor: e sem o estimar seria oca a noz da existência. Escutai isso, ó criadores! Criadores foram primeiramente os povos, somente depois os indivíduos; em verdade, o indivíduo mesmo é ainda a mais nova criação. Outrora mantinham os povos uma tábua de valores acima de si. O amor que quer dominar e o amor que quer obedecer criaram juntos essas tábuas.

Se o ser humano é um animal avaliador, logo também um ser que cria, Nietzsche quer dar um novo sentido à existência humana, concebendo o ser humano como parte integrante deste mundo: “Mil metas houve até agora, pois mil povos existiram. Apenas as cadeias para as mil cervizes faltam ainda, falta uma só meta. A humanidade ainda não tem meta”.⁶⁸ O projeto de transvaloração de todos os valores visa justamente atingir tal fim, que é a superação do ser humano – essa *passagem*, esse *declínio*, essa corda atada entre o animal e o super-homem – pelo super-homem.

Nesse sentido, essa nova transvaloração operaria uma inversão, uma ruptura, em relação ao modelo anterior (a primeira transvaloração foi operada pela moral escrava), que também se constituiu por uma transvaloração de todos os valores (Cf. GM, I). Com essa nova transvaloração, uma vontade de poder⁶⁹ afirmativa, desejosa de se expandir, se assenhora do jogo de forças, impondo novas formas e significados à existência humana. Um dos aspectos básicos dessa nova forma de valoração é que ela deve ser meio para a elevação do ser humano, para a ampliação de seu poder, isto é, para seu florescimento. Trata-se, portanto, de uma compreensão da moral como meio para a afirmação de um determinado tipo, mais especificamente para a produção do super-homem, para o qual é preciso uma nova disciplina, voltada para o cultivo do aristocratismo de espírito que lhe é próprio.

Olha, eis aqui uma nova tábua: mas onde estão meus irmãos, que a levem comigo ao vale e aos corações de carne? – Assim exige meu grande amor aos mais distantes: *não poupes teu próximo!* O homem é algo que tem de ser superado. Há muitos caminhos e modos de superação: deves *tu* cuidar disso! Mas somente um palhaço pensa: “O homem

⁶⁷ Ver ZA, “Das mil metas e uma só meta” e GM, Prólogo, §7.

⁶⁸ Ver ZA, “Das mil metas e uma só meta”.

⁶⁹ Sobre o conceito de vontade de poder, ver MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina de vontade de poder em Nietzsche*.

também pode ser *saltado*". Supera a ti mesmo também no teu próximo: e um direito que podes arrebatá-lo, não deixes que te seja dado! Aquilo que fazes, ninguém pode fazer a ti. Vê, não existe retribuição.⁷⁰

Assim, frente à decadência em que se encontra a modernidade europeia, Nietzsche encontra na tipologia do super-homem aquele que seria capaz de realizar um ensaio inverso: redimir a realidade da maldição que o ideal metafísico sobre ela lançou, o que implica numa completa transvaloração de todos os valores através da superação do ser humano moderno pelo seu *Übermensch*.⁷¹ Nas palavras do próprio Nietzsche: "transvaloração de todos os valores: eis a minha fórmula para um ato de suprema autoconsciência da humanidade, que em mim se fez gênio e carne".⁷²

Nesse sentido, à guisa de conclusão, podemos perceber que a ideia de superação em Nietzsche, especialmente em *Assim falou Zaratustra*, implica de fato dois processos aparentemente distintos entre si. Contudo, não se trata de dois processos excludentes, mas sim vias complementares de um mesmo movimento de organização interior de cada indivíduo, reforçado pelo caráter narrativo da ação dramática de *Zaratustra*. O processo de autossuperação exige, portanto, um processo complementar de superação ético-existencial, com vistas a reorganização da vontade dos indivíduos nele envolvidos: "E este é o grande meio-dia: quando o homem se acha no meio de sua rota, entre o animal e o super-homem, e celebra seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança; pois é o caminho para uma nova manhã".⁷³

Referências Bibliográficas

- BRUSOTTI, Marco. O eterno retorno do mesmo em *Assim falou Zaratustra*. *Estudos Nietzsche*, v. 3, n. 2, p. 149-167, 2012.
- FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Presença, 1983.
- GIACÓIA JÚNIOR, Osvaldo. O Platão de Nietzsche, o Nietzsche de Platão. *Cadernos Nietzsche*, v. 3, p. 23-26, 1997.

⁷⁰ ZA, "De velhas e novas tábuas", §4.

⁷¹ GM, II, §24.

⁷² *Ecce Homo*, "Por que sou um destino", §1.

⁷³ ZA, "Da virtude dadivosa", §3.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

JULIÃO, José Nicolao. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Editora Phi, 2016.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, Philosopher, Psychology, Antichrist*. 4ª ed. Princeton: Princeton University Press, 1974.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Tradução: Semíris Gorini de Veiga. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LOBO, Rafael Haddock. Sentido da Terra, vida e arte: perspectivas de um radicalismo estético em Nietzsche. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

MIRANDA, João Marcos Tomás da Cruz. *O significado da morte de Deus na filosofia de Friedrich Nietzsche*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade de Brasília. Brasília, DF, 2010. 100p.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina de vontade de poder em Nietzsche*. Tradução: Oswaldo Giacóia. 2ª ed. São Paulo: Annablume, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. – 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Além do bem e do mal*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. *Ecce Homo*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Fragmentos Póstumos -Volumen I (1869-1874)*. 2ª edición corregida y aumentada. Edición dirigida por Diego Sánchez Meca. Traducción, introducción y notas de Luis E. de Santiago Guervós. Editorial Tecnos: Madrid, 2010.

_____. *Fragmentos Póstumos -Volumen IV (1885-1889)*. 2ª edición. Edición dirigida por Diego Sánchez Meca. Traducción, introducción y notas de Juan Luis Vermal y Joan B. Llinares. Editorial Tecnos: Madrid, 2008.

_____. *Genealogia da moral*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *O nascimento da tragédia*. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RUBIRA, Luís Eduardo Xavier. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2008. 239p.

YOUNG, Julian. *The death of God and the meaning of live*. Ed. Routledge. London and New York, 2003.

Recebido em 12/04/2023

Aprovado em 17/10/2023